

UM BAR

RUBEM BRAGA

PÔE piano ou não põe piano? Depois de muito meditar, Juca resolveu deixar o lugar para o piano; mas abriu o bar sem piano.

Muitas pessoas que gostam de beber tranquilamente depois das fadigas da jornada não gostam de música, preferem o simples papo cordial. Além disso o piano, que teria de ser em surdina, atrai casa-zinhos, que se acariciam as mãos e se olham no fundo dos olhos, mas bebem muito pouco. Ninguém é contra esses casais que escolhem as mezinhas de canto, mas, enfim, é melhor deixar o piano para mais tarde, quando o bar estiver consolidado como bar mesmo.

Para essa consolidação Juca tomou providências. É evidente que seu piano não foi feito de um dia para o outro. Levou seguramente 30 anos em observações, olhando os outros bares da cidade e até tomando alguma coisa em alguns deles. Quando sua firma foi encarregada de construir o prédio do Embaixadores, Juca Chaves conversou com Mário Chaves e Márcio Melo Franco Alves e então resolveram fazer o "Juca's Bar". Talvez ficasse melhor "Bar do Juca" ou apenas "Juca Bar", mas aquele 's' acabou vitorioso, talvez porque o nome do hotel já tem "s" também.

O principal é que se resolveu fazer uma coisa de bom gosto. Atravessando o "hall", a gente vê um painel de Bianco, mosaicos de Paulo Werneck, escultura de Bruno Giorgi. A decoração do bar é de Henrique Mindlin, que arquitetou uma coisa suave, arumou o balcão, fez uma escada boa, inventou uns

cantos, desenhou os móveis que os irmãos Gunther executaram. A luz é indireta, o bar tem refrigeração própria, que não depende do hotel, as cadeiras são bem estofadas. E o "barman" é Marques, um homem que entende de bebidas e inclusive pretende revalorizar o "cocktail", tão longamente desmoralizado pelos maus manipuladores ou pelos manipuladores de maus ingredientes.

Uma atenção especial será dispensada aos salgadinhos, que sempre foram a grande falha dos butecos brasileiros. Os "gargons" são profissionais experientes e bons, capazes de ouvir e entender os bebentes, de sugerir e de servir bem. E como os donos do bar têm outros ofícios e não pretendem enriquecer com aquilo, os preços serão na base digamos de 25 pratas o "scotch" comum, incluída a água, o que pode não representar o ideal das massas, mas é razoável.

Acho que está feita a propaganda, e avisados os irmãos do Rio e alhures, para que apareçam, vejam, e bebam em paz. Ainda que abstinção, gosto de ver coisas bem feitas e tomarei uma vez ou outra minha mineral gelada naquela suave penumbra entre superfícies cremes e dois tons de cinza.

Não há dúvida de que os puritanos se irritarão em ver um cronista dedicar um dia a saudar (e é de graça, rapazes) um novo bar. Mas é de meu gênio e jeito escrever sobre o que me vem à telha, embora seja certo que às vezes não vem nada e eu tenho de escrever do mesmo modo.

Enfim, o bar do Juca é uma coisa nova e de bom gosto que me apraz saudar, e aqui o faço com um abraço a esse amigo que passou para o outro lado do balcão, levando os sentimentos e as vagas aspirações e confusas reivindicações dos que pelem do lado de cá.

Juca Chaves:
M 145
O Dia/SP 13.1.90
DN 17.9.49

17.9.49

238